

ENTRE A MEMÓRIA E A AUTOBIOGRAFIA: NOTAS DE LEITURA DO LIVRO *CONFISSÕES*, DE DARCY RIBEIRO

Prof. Dr. Geraldo da Aparecida Ferreira
Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes

RESUMO: Edward Said, em seu *Cultura e Imperialismo*, acentua que para se compreender o passado e reescrevê-lo, é necessário que o intelectual evoque o passado reinterpretando-o e analisando-o a partir de um olhar crítico, utilizando-o como subsídio para interpretar o presente, uma vez que “ambos se modelam mutuamente, um inclui o outro [...]” (SAID, 1995, p. 34). Partindo de afirmações como essa, pretendemos apresentar algumas passagens do livro *Confissões*, de Darcy Ribeiro e estabelecer uma discussão com posicionamentos de estudiosos - como Philippe Lejeune, Paul de Man e Pozuelo Yvancos - que têm trabalhos importantes sobre o tema da escrita autobiográfica.

PALAVRAS-CHAVE: memória, autobiografia, confissões, darcy ribeiro

ABSTRACT: Edward Said in his *Culture and Imperialism*, emphasizes that to understand the past and rewrite it, it is necessary that the intellectual evokes the past reinterpreting it and analyzing it from a critical eye, using it as an aid to interpreting this, since "both are mutually shape one includes the other [...]" (SAID, 1995, p. 34). Starting with statements like this, we will present some passages from the book *Confissões* of Darcy Ribeiro and establish a discussion with scholars placements - such as Philippe Lejeune, Paul de Man and Pozuelo Yvancos – which have important works about the subject of autobiographical writing.

KEY WORDS: memory, autobiography, confessions, darcy ribeiro

ENTRE A MEMÓRIA E A AUTOBIOGRAFIA: NOTAS DE LEITURA DO LIVRO *CONFISSÕES*, DE DARCY RIBEIRO

Escrever confissão é se explicar, justificar. Na escala cósmica é pura besteira. Vadiagem. Na escala humana é vaidade. Mas existo, confesso e quero que me vejam.

Darcy Ribeiro

Philippe Lejeune escreveu um dos textos fundamentais para a teorização sobre a narrativa do eu, com o seu *O pacto autobiográfico*, livro que despertou acaloradas discussões entre estudiosos. Lejeune propõe, logo no início da sua obra, uma definição de autobiografia: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1971, p.14). Mais adiante, decreta que “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais

geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*” (LEJEUNE, 1971, p.15). Era de se esperar que afirmações tão categóricas e que envolvem temas controversos tais como realidade e identidade, suscitasse discussões e críticas, e até o próprio Lejeune revisitou este seu texto algumas vezes para fazer ajustes. Acatando essas proposições do estudioso francês como factíveis, poderíamos concluir que a obra de Darcy Ribeiro é uma autobiografia neste sentido bem pragmático. É Darcy o autor – o dono da firma –, o narrador e o personagem dessas *Confissões*. Falemos um pouco deste livro.

A tese defendida pela filósofa espanhola Maria Zambrano (2001), que considera a narrativa confessional como um gênero de crise, se mostra aplicável em relação a essa obra do escritor mineiro, que foi produzida às pressas, nos dois últimos anos de vida do autor, quando o câncer finalmente o venceu:

Escrevi estas *Confissões* urgido por duas lanças. Meu medo-pânico de morrer antes de dizer a que vim. Meu medo ainda maior de que sobreviessem as dores terminais e as drogas heróicas trazendo com elas as bobeiras do barato. Bobo não sabe de nada. Não se lembra de nada. Tinha que escrever ligeiro, ao correr da pena.¹

Assim como na epígrafe deste texto como nas primeiras linhas do prólogo citado acima, já se verifica uma clara intenção de auto-justificação que Darcy considera inerente ao gênero autobiográfico. Essa é uma posição que vai ao encontro do que pregam vários teóricos, como Pozuelo Yvancos. Yvancos (2006) afirma que a autobiografia teria um caráter duplo e indissociável: a consciência de que se constrói um eu e, de que trata-se de um ato de comunicação, de justificação deste eu perante aos outros. Se a segunda característica da autobiografia – a justificação perante aos leitores – está clara no livro, a primeira cria um certo desconforto. O autor de *Maíra* vai tentar restituir o homem que foi, ao remontar sua história e apresentá-la ao leitor, mas ele próprio reconhece que esse livro “é um mero reconto espontâneo”, uma recapitulação de fatos da forma que eles lhe “vem à cabeça” (*Confissões*, p. 11). Ou seja, a fonte será a cansada e falível memória, o que pode acarretar imprecisões e incorreções. Este fato se agrava, quando o autor reconhece a dificuldade de se auto definir como sujeito

¹ RIBEIRO, 1997, p. 11.

uno e imutável, o que leva à problemática questão da identidade do sujeito. Ao falar das suas raízes familiares, o narrador comenta que “Assim compus a máscara que carrego comigo, *persona*, da pessoa que quero ser e que quero que os outros creiam que eu seja” (*Confissões*, p.51). Como conciliar então uma autobiografia – que se propõe como verdade - com uma narrativa estruturada sobre o movediço terreno da memória e com um autor que se reconhece como *persona*? Tentaremos encontrar uma saída para este impasse ao longo desta nossa discussão.

O livro, que conta com ilustrações de Oscar Niemeyer e publicado em 1997, pela Companhia das Letras, aborda inicialmente a infância de Darcy em sua Montes Claros natal. Neste trecho o autor discorrerá sobre particularidades de sua cidade, as festas folclóricas, as famílias tradicionais, a sociedade local e os fatos que marcaram sua infância e a transição para a juventude.

A partir daí, o escritor passa a narrar suas experiências em Belo Horizonte e o impacto que o convívio na cidade grande trouxe para o jovem interiorano. O narrador nos apresenta a capital mineira em franco desenvolvimento no final dos anos 1930 e o amor instantâneo que ele passou a nutrir pela cidade.

Num capítulo intitulado “Índios”, o etnólogo contará suas ricas e fundamentais experiências para os seus reconhecidos trabalhos científicos junto às tribos Kadiwéu, Kaiowá, Terena, Ofaié, Kaapor, Xavante, Guarani e Tanurú, além da admiração que ele cultivava pelo Marechal Rondon.

Um outro trecho que chama muito a atenção é o capítulo em que Darcy aborda as questões políticas do Brasil, na década de 1950. Com um olhar extremamente crítico, ele emite opiniões fortes sobre o suicídio de Getúlio Vargas, a renúncia de Jânio Quadros e, principalmente, sua visão a respeito do golpe militar ao governo do seu amigo João Goulart e os interesses envolvidos em tal episódio.

Darcy comentará ainda sua vida no exílio, as aventuras que viveu no Uruguai, Chile, Venezuela e Peru, além de muitas das suas conquistas amorosas ao longo da vida, e a simultânea descoberta do câncer que viria a matá-lo anos mais tarde. Seus encontros com Fidel Castro e com Che Guevara também merecem destaque.

Sua atuação como senador da República também será passada a limpo, inclusive sua batalha e as artimanhas usadas para conseguir implantar em Brasília uma importante universidade, a UnB e a criação da Lei de Diretrizes e Bases da educação.

Apresentada a obra, de forma bastante reduzida, tornemos às discussões teóricas. Dentre os críticos da teoria de Lejeune, os desconstrutivistas são os mais ferrenhos e, dentre eles, destaca-se o estudioso belga Paul de Man. Em seu texto “Autobiography As De-Facement”, De Man afirma que os textos de Lejeune, e muitos dos seus seguidores, insistem teimosamente que “a identidade da autobiografia não é apenas representacional e cognitiva, mas contratual, fundamentada não em tropos, mas em atos de linguagem” (DE MAN, 1984, p.71). De Man vai além. Para ele a autobiografia não pode ser considerada como gênero literário, “mas uma figura de leitura ou de entendimento que ocorre, em algum grau, em todos os textos”, e que o que existem são “momentos autobiográficos” (DE MAN, 1984, p.70). Isto é, para o professor belga uma “verdade” autobiográfica poderia estar em qualquer outro tipo de texto, num romance por exemplo.

Estamos agora diante de um impasse: a autobiografia é uma construção não-ficcional, como deseja Lejeune, ou a ficcionalidade é inerente à autobiografia, como propõe De Man? Para complicar um pouco mais essa discussão, o que dizer de um obra como *Migo*, publicada em 1988, de Darcy Ribeiro, que ele considerava a mais autobiográfica de todas, mesmo se tratando de uma ficção:

O último romance que escrevi – *Migo* – é uma espécie de retrato psicológico do intelectual na sua forma de romancista provinciano e mergulhado na mineiridade. É, na verdade, um romance confessional, em que me mostro e me escondo, sem fanatismos autobiográficos. Mais revelador, porém, acho eu, do que sou e do que penso, do que seria possível em primeira pessoa. [...] *Migo* é minha autobiografia inventada, uma vida que eu até poderia ter vivido se tivesse publicado *Lapa grande* e ficado em Minas.²

Estaria Darcy de acordo com a proposição de De Man? É possível que, em um romance, o autor se exponha mais explicitamente do que em uma autobiografia? Um “sim” poderia responder às duas questões, o que simplificaria bastante nosso trabalho. Mas acreditamos que um “talvez” seja a resposta mais

² Ibidem, p. 515.

apropriada. Darcy sempre foi um grande provocador, e pensamos que, ao falar de “fanatismos autobiográficos”, mais uma vez essa faceta se apresenta. O que nos parece é que, antes de criticar quem pretende escrever uma narrativa autobiográfica, ele está sinalizando o seu local de conforto. É no romance que ele se sente mais a vontade para se expressar, mostrar suas máscaras, seus fingimentos, mas sem abrir mão de falar do sujeito empírico Darcy Ribeiro.

Apresentemos então um caminho que vislumbramos como plausível para as questões colocadas até aqui. Dentre as leituras que temos desenvolvido, quem encontra a melhor saída, em nossa opinião, é José Maria Pozuelo Yvancos, em seu *De la autobiografia: teoria e estilos*. Esse estudioso analisa algumas proposições acerca da narrativa autobiográfica, mais detidamente textos de Lejeune e de De Man, e encontra problemas e méritos em ambos. Yvancos (2006) propõe que as duas postulações não são incompatíveis, já que para ele a autobiografia estaria consolidando o espaço fronteiro entre não-ficção e ficção como seu lugar.

Parece-nos muito felizes estas colocações de Yvancos. Talvez fique o questionamento se o termo fronteira seja o mais adequado, mais a possibilidade de um discurso híbrido, de uma narrativa permeada por momentos de realidade e ficcionais leva-nos a um conceito mais amplo para o gênero em questão. Corremos o risco de abrirmos o leque a tal ponto que qualquer narrativa possa ser considerada autobiográfica, situação já levantada por De Man (1984). Se entendemos que a escritura autobiográfica é estruturada pela união lembrança-esquecimento, não podemos deixar de assinalar que abre-se espaço para a ficção na narrativa autobiográfica, o que colocaria em xeque a ideia de realidade que o conceito de Lejeune traz. Mas o próprio Lejeune, vinte anos mais tarde, se penitencia acerca de algumas incoerências existentes em seu texto inicial. Isto nos autoriza a fazer um reaproveitamento da proposição de Lejeune, que com certeza nos arreponderemos em algum momento, pois a quantidade de estudos envolvendo o tema cresce de forma exponencial. Partindo da ideia de fronteira proposta por Yvancos, ou até mesmo, não sei se estaria forçando muito a nota, poderíamos buscar uma delimitação mais precisa deste local, ou mais, será que não poderíamos pensar em algo como o que Silviano Santiago chamou de entre-lugar; ou espaço intersticial, de Bhabha; lugar intervalar, de Glissant; e muitas

outras denominações dadas para estas “zonas” de contato, tão discutidas desde o século passado? É claro que teríamos que alargar a ideia inicial de Santiago e dos demais estudiosos – e aqui mora o nosso receio -, que propunha, nos anos 1970, discutir o lugar que ocupava a produção literária Latino-Americana em relação à européia. Mas o que nos interessa aqui é a formulação do espaço autobiográfico como uma zona mista, de composição entre o ficcional e o não ficcional. Então a proposição reaproveitada seria que a autobiografia - ao contrário do que pregava De Man, ao falar da presença de momentos autobiográficos – seria a narrativa que uma pessoa faz de sua própria existência e que admite a presença de “momentos ficcionais”, decorrentes da falibilidade da estrutura lembrança-esquecimento.

No prólogo de suas *Confissões*, como já dissemos acima, Darcy faz uma afirmação que nos fala do uso das lembranças para a composição da obra, já dando pistas sobre possíveis lacunas, falhas, o que pode corroborar, de certa forma, o que propusemos:

Este livro meu, ao contrário dos outros todos, cheios de datas e precisões, é um mero relato espontâneo. Recapitulo aqui, como me vem à cabeça, o que me sucedeu pela vida afora, desde o começo, sob o olhar de Fininha, até agora, sozinho neste mundo.

Muito relato será talvez, equivocado em alguma coisa. Acho melhor que seja assim, para que meu retrato do que fui e sou me saia tal como me lembro.³

Admitimos que é grande pretensão de nossa parte querer dar cabo de questões tão longamente discutidas, sem que se tenha chegado a uma conclusão definitiva. Não desejamos tanto. O pensamento é somente refletir sobre questões discutidas em sala de aula e tentar traçar algumas conexões com nossos objetos de estudo.

Muito se tem falado da crise de identidade do sujeito moderno e falar de crises de final de século tornou-se um lugar comum. Mas no caso de Darcy esta situação é bastante potencializada. Quando ele escreve esse seu livro, vivia-se os últimos momentos do século XX – obra escrita em 1997 – assim como se aproximava o surgimento do novo milênio. Acrescenta-se a isso, a consciência de que a morte se aproximava rapidamente. A situação nos traz à memória o texto

³ *Ibidem*, p. 11

de Leiris (2003) – “Da literatura como Tauromaquia”, incluso em seu livro *A idade viril* – em que ele traça algumas analogias entre o ato de se escrever uma autobiografia e a disputa entre o toureiro e o animal. A comparação é bastante interessante, pois autor aponta que quanto mais o atleta se expõe ao perigo, às fatais estocadas do touro, mais a plateia o admira. Isto ocorreria também com um autor. Quanto mais ela retira as amarras, quanto mais ele explicita suas entranhas, mais valorosa será sua obra. Fazendo um exercício de imaginação, pensemos em como poderíamos analisar a relação de Darcy Ribeiro – de personalidade corajosa e explosiva – com esse seu “touro”, num momento em que a morte é questão de pequeno espaço de tempo. A imagem que nos vem à cabeça, ainda usando a comparação de Leiris, é a de um toureiro sem capa, sem espada, querendo pegar o touro de mãos vazias.

Esses ingredientes já seriam suficientes para despertar em qualquer pessoa, com algumas aspirações literárias, o desejo de se expressar através de um livro. Com Darcy, isso não foi diferente. Escritor, político e antropólogo com vasta obra publicada, não poderia se furtar a essa tarefa. Ao longo das 590 páginas desse livro, encontramos muito mais do que a narrativa autobiográfica de uma figura de projeção internacional, que teve participação direta nos rumos que a política brasileira tomou a partir da segunda metade do século passado. O seu livro é uma declaração de amor à vida e aos ideais revolucionários. O escritor mineiro nos apresenta uma revisão histórica sob a ótica de um intelectual de esquerda que não se curvou diante das forças de repressão e do poderio econômico. Em tom confessional, a narrativa da vida de Darcy emociona como exemplo de luta contra a homogeneidade de pensamento, contra a mediocridade de ideias, e até mesmo contra uma doença terrível a que ele se negava a entregar-se.

Em relação à pergunta presente no título deste texto, poderíamos adotar um posicionamento menos corajoso, e afirmar que não encontramos uma resposta, pois diante da fragmentação do sujeito, da crise de identidade do homem moderno, da dificuldade de definição de termos como identidade, tornou a resposta como algo inviável. Não faremos isto. Acreditamos que sim, que é possível falar de si em uma narrativa autobiográfica. Pensamos também que a autobiografia é sim um gênero literário. É claro, carece de algumas definições,

mas elas só chegarão se pensadores corajosos como Lejeune as tragam para o centro dos debates acadêmicos. Pensamos também que o livro de Darcy se enquadra dentro da nossa perspectiva do que seja a autobiografia. A narrativa que a própria pessoa faz da sua vida, estabelecida em uma zona de contato entre a ficção e a não-ficção e estruturada pela união entre lembrança-esquecimento. Os deslizos, omissões e esquecimentos são inerentes à zona fronteira em que os fatos se articulam. Abre-se aqui, em nossa opinião, uma importante possibilidade. Imaginamos ser factível pensar no reconhecimento da existência de uma categoria literária dentro do gênero autobiográfico: a autobiografia ficcional ou outra denominação que o valha. É claro que muitos estudos deveriam ser realizados em busca de se estabelecer o que caracterizaria as obras a serem incluídas neste grupo, mas se conseguirmos instituir o espaço autobiográfico como zona de contato, um entre-lugar, uma fronteira entre ficção e não-ficção, o passo seguinte seria facilitado, já que as obras que se enquadrassem dentro das definições propostas ganhariam o status de autobiografia ficcional. São reflexões, ingênuas, talvez, e não sabemos se estamos contribuindo ou confundindo mais a situação, mas talvez seja um ponto de partida interessante.

REFERÊNCIAS

DE MAN, Paul. *Autobiography As De-Facement*. In: *The rhetoric of romanticism*. New York: Columbia University Press, 1984.

LEIRIS, Michel. *A idade viril*: precedido por *Da literatura como Tauromaquia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.); tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Migo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

ZAMBRANO, Maria. *La Confesión*: Género literario. Madrid: Ediciones Siruela, 2001.

YVANCOS, Jose Maria Pozuelo. *De la autobiografía: teoría y estilos*. Barcelona: Diagonal, 2006.